

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

047

A morte do advogado

Série sobre casos marcantes da crônica policial lembra o roubo que terminou no assassinato de jovem conselheiro do Grêmio

O crime

Vítima:

João Luiz Bergmann

Época do crime:

Maior de 1983

Cidade:

Porto Alegre

Autores do crime:

Três assaltantes

Motivação:

Financeira

Aos 34 anos, conselheiro e, durante oito anos, integrante do Departamento Jurídico do Grêmio, o advogado João Luiz Bergmann era uma figura bastante conhecida dos gaúchos.

Filho de um dos grandes cronistas da imprensa do Estado – João Bergmann, o Jotabe – ele também exercia atividades profissionais no então Banco Sul-brasileiro. Recém-casado, chegara havia 19 dias de uma viagem com a mulher à Europa.

Na noite de terça-feira, 10 de maio de 1983, ele desapareceu, depois de deixar o banco e apanhar seu carro, um Monza marrom, na Rua Riachuelo, em Porto Alegre.

Ele não desconhecera a violência na capital gaúcha. Havia bem pouco, assistira ao assalto a um carro-forte que recolhia dinheiro de supermercado. Um dos assaltantes apontou a arma para sua cabeça e mandou que ele não se mexesse.



Cai uma chuva torrencial na manhã do dia seguinte, quando seu corpo é encontrado estendido no meio de uma estrada secundária da ERS-118, em Gravataí.

Localizaram o carro algumas horas depois, em Cachoeirinha, com muito sangue no porta-malas e com a parte interna recoberta por espuma branca de extintor de incêndio. João Luiz foi alvejado com três tiros: um no coração, outro na cabeça e o terceiro no pescoço. Desapareceram dinheiro, o relógio, o anel e uma corrente do advogado.

Por isso, já no dia seguinte, a polícia anuncia a mais provável causa da morte: latrocínio (roubo com morte). E começam a surgir os nomes de suspeitos.

Alguns policiais experientes reconhecem que não é usual assaltantes comuns terem a preocupação de apagar vestígios e provas. E não atiram de perto, nem abandonam o corpo num local e o carro noutra, no caso de um eventual sequestro.

João Luiz foi sequestrado na garagem do prédio onde morava, na Rua Coronel Corte Real, no bairro Petrópolis, por volta das 21h. Duas jovens, vizinhas do advogado, viram quando o Monza saiu do edifício com três homens no seu interior. Só depois se ficou sabendo que João Luiz estava preso no porta-malas.



“A polícia confirmou, no fim da tarde de ontem, que estava certa sobre a morte do advogado João Luiz Bergman”, anunciaram os jornais na sexta-feira daquela mesma semana. Latrocínio.

As investigações se concentraram na Vila Planaltina, entre Gravataí e Cachoeirinha, território onde atuavam os suspeitos.

E a quase 200 quilômetros de Porto Alegre, no distrito de Campo Novo, município de Fontoura Xavier, foi preso o último deles, já condenado, à revelia, a 31 anos de prisão.

Chegou à Capital e confirmou: ele foi um dos autores do assassinato, junto com dois parceiros, também já condenados por outros crimes.

Houve mútuas acusações e muita contradição nos depoimentos. E tudo teria acontecido assim, segundo a polícia:

– Os bandidos rodaram pela cidade num Passat azul, até chegar à Rua Corte Real, onde se puseram à espreita. Queriam trocar de carro e precisavam de dinheiro para droga e bebidas;

– Quando João Luiz chegou ao edifício, entraram pela porta da frente, que estava aberta, e foram para a garagem, onde o sequestraram;

– Em Gravataí, antes de ser morto, ele tentou negociar com os bandidos. Não possuía o valor em dinheiro por eles pretendido, mas tinha amigos com os quais poderia consegui-lo.



Luiz Carlos Silveira Martins, o Cacalo, foi colega de João Luiz desde a infância, um acabou padrinho do casamento do outro, e chegaram juntos ao Departamento Jurídico do Grêmio:

– Ele era muito talentoso, vinha na minha frente na ordem das coisas. Não tivesse falecido, teria sido tudo antes de mim no Grêmio.

Cacalo foi vice-presidente jurídico, vice de futebol e presidente do clube.

Paulo de Assis Bergman, irmão de João Luiz, lembra a “experiência dolorosa” da família e o impacto da morte num tempo em que a violência não era tanta quanto hoje.

– Desde o julgamento e a condenação dos responsáveis, não procuramos mais saber deles. A nossa família não se envolveu, temos esse perfil – afirma Paulo de Assis.



Condenados, um dos suspeitos cumpriu parte da pena e foi indultado, outro está em liberdade condicional e do terceiro não se tem notícia.

Restou uma dúvida, para alguns investigadores: ele não teria sido reconhecido no assalto ao carro-forte? E executado?



ADOLFO, BD, 11/05/1983



JORGE, BD, 12/05/1983



REPRODUÇÕES



João Luiz Bergmann era um advogado conhecido no Estado

Vítima foi assassinada depois de ser levada em seu Monza (acima, à esquerda) pelo criminosos. Centenas de pessoas foram ao velório e sepultamento na Capital (acima, à direita)